

Blitz revela seu lado intérprete em novo álbum

PÁGINA 5



Revista dos EUA vê Wagner Moura no Oscar 2026

PÁGINA 7



'O Pequeno Príncipe' em exposição imersiva

PÁGINA 8



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

Quase seis décadas após sua estreia em um pequeno teatro off-Broadway, "Hair" retorna ao Brasil para provar que sua mensagem de amor, paz e liberdade permanece atual. O musical que se tornou símbolo máximo do movimento hippie e marco da contracultura dos anos 1960 - o chamado Flower Power - ressurge nos palcos brasileiros sob a direção da dupla Charles Möeller e Claudio Botelho.

A montagem brasileira, que estreia nesta sexta-feira (4) no Teatro Riachuelo, reúne trinta atores para dar vida às canções que transcenderam o teatro e se tornaram hinos geracionais. Clássicos como "Aquarius" e "Let the Sunshine In" voltam a ecoar em uma produção que promete resgatar toda a energia revolucionária da obra original de Gerome Ragni, James Rado e Galt MacDermot.

O elenco principal traz Rodrigo Simas no papel de Berger e Eduardo Borelli como Claude, os jovens que personificam o dilema entre os ideais pacifistas e as pressões da sociedade conservadora. Completam o núcleo central Estrela Blanco (Sheila), Thati Lopes (Jeannie), Drayson Menezes (Hud) e Giovanna Rangel (Crissy), entre outros. Um terço dos intérpretes foi selecionado em audições abertas que atraíram milhares de candidatos de todo o país no início do ano.

A história de "Hair" reflete um momento único da história mundial. Criado entre 1964 e 1967, período em que Ragni e

Nos tempos do Flower Power



'Hair', o musical que definiu a contracultura dos anos 1960, ganha nova montagem brasileira sob a grife da dupla Charles Möeller e Claudio Botelho

Rado absorveram as transformações sociais em curso, o musical emergiu como resposta artística aos conflitos raciais, à Guerra do Vietnã e à busca por novos valores. MacDermot, que se juntou ao projeto no final de 1966, compôs em apenas três meses uma trilha sonora que capturou o espírito do rock psicodélico e da juventude contestadora da época.

Não demoraria para que o espetáculo despontasse como manifesto de uma geração que questionava padrões estabelecidos e defendia o amor livre, a experimentação e a não-violência. O musical quebrou tabus ao abordar temas como drogas, sexualidade e resistência ao serviço militar obrigatório.

Após a estreia nova-iorquina, "Hair" conquistou palcos mundiais, gerou filme homônimo e influenciou gerações de artistas e ativistas. Para os diretores Möeller e Botelho, veteranos em adaptações de musicais internacionais, "Hair" representa oportunidade de revisitar temas que permanecem atuais. Em época de polarização política e questionamentos sobre liberdades individuais, a mensagem do texto ainda ecoa entre nós.

SERVIÇO

HAIR

Teatro Riachuelo (Rua do passeio, 38)
De 4/7 21/9, às quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (15h)
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 25 (meia) e R\$ 300 e R\$ 150 (meia)

Quando a palavra grita pelos cantos

Felipe O'Neill/Divulgação



Hilton Vasconcellos em 'Solidão de Caio F', abientada num quarto que remete ao dormitório de Van Gogh

Espectáculo baseado em contos e cartas do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu estreia nova temporada no Teatro Glauce Rocha

Por Affonso Nunes

A literatura de Caio Fernando Abreu ganha nova vida nos palcos cariocas com o retorno do espetáculo “Solidão de Caio F.” ao Teatro Glauce Rocha, no Centro, a par-

tir deste sábado (5). A montagem mergulha no universo íntimo do escritor gaúcho através de uma montagem que entrelaça dois de seus contos mais emblemáticos com correspondências pessoais dos anos finais de sua vida.

Sob direção de Alexandre Mello, a peça constrói um diálogo

poético entre “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira do sanga” e “Dama da Noite”, dois contos que exploram a solidão urbana e a busca por conexões genuínas nas grandes cidades. O roteiro de Hilton Vasconcellos incorpora ainda cartas escritas pelo autor entre 1987 e 1990, período em que Caio Fernando Abreu enfrentava tanto o avanço da Aids quanto o isolamento social decorrente do preconceito da época.

Na proposta cênica de Mello, um único escritor se desdobra em dois personagens que habitam o mesmo espaço mas pertencem

a narrativas distintas. Os atores Hilton Vasconcellos e Rick Yates interpretam, respectivamente, o cérebro e o coração do autor, alternando entre os papéis de criador e criatura em uma dança teatral que evita o encontro direto entre os personagens. A cenografia se inspira no famoso quadro “O Quarto”, de Van Gogh, transformando o ambiente em espaço de memória e reflexão.

“Este monólogo-tributo foi escrito durante a pandemia, quando a palavra de Caio parecia ‘gritar pelos cantos’. Suas crônicas e cartas nos anos 1990 denunciavam a

ignorância em torno de um vírus, também desconhecido, e desmascaravam a covardia dos que usavam a epidemia para impor o ódio e o preconceito”, explica Hilton Vasconcellos, que já havia se dedicado ao universo do escritor em 2012, quando permaneceu oito meses em cartaz com “Homens de Caio F.”, dirigida por Delson Antunes.

“Solidão de Caio F.” dialoga diretamente com questões contemporâneas ao abordar temas como homofobia, desinformação sobre doenças e isolamento social. Rick Yates destaca a potência visual da prosa de Caio Fernando Abreu: “As palavras de Caio parecem ter sido feitas para as ações que nascem no coração. Tudo ali é à flor da pele e nos emociona. O que é descritivo nos seus textos é cinematográfico, gerando imagens que ativam todos os nossos sentidos.”

O espetáculo situa a obra de Caio Fernando Abreu no contexto de uma geração que atravessou múltiplas transformações culturais, dos movimentos hippies aos clubbers dos anos 1980, sendo devastada pela epidemia de Aids.

Morto em 1996, aos 47 anos, Caio Fernando Abreu deixou uma obra que permanece atual em sua abordagem da solidão metropolitana e dos conflitos identitários. Seus contos, marcados por uma narrativa cinematográfica e linguagem ao mesmo tempo delicada e ácida, retratam personagens em busca de autenticidade em meio ao caos urbano.

SERVIÇO

SOLIDÃO DE CAIO F.

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro)
De 5 a 27/7, sextas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ENTREVISTA / ALEXANDRE MELLO, DIRETOR TEATRAL

'Difícil comparar Caio Fernando Abreu com qualquer autor'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de rasgar miocórdios em 2024, quando era encenado no ateliê do encenador Alexandre Mello, num experimento "entre quatro paredes", de intimismo radical, "Solidão de Caio F" vai buscar a ribalta do Teatro Glauce Rocha, no Centro, a partir deste sábado (5), testando sua potência de fazer plateias chorarem noutra geografia cênica.

Seu diretor viveu um pico de excelência com esse trabalho que não esconde sua vertente de pesquisa e sua alma de melodrama, ao cantar a prosa do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996). Livros como "O Ovo Apunhalado" e "Limite Branco" atestam sua grandeza e asseguram sua permanência nas Letras.

A partir de escritos dele, Alexandre faz de "Solidão de Caio F" a cartografia da angústia afetiva nas metrópoles brasileiras, ao mesmo tempo que discute homofobia. Na trama, um único homem, o escritor, desdobra-se em dois personagens, que estão em um mesmo ambiente, mas não se encontram, por pertencerem a contos diferentes. Os atores Hilton Vasconcellos e Rick Yates são cérebro e coração do autor, num mesmo espaço-tempo, contracenando indiretamente. Quando um é autor, o outro é personagem e vice-versa.

Responsável por uma direção coruscante, Alexandre situa a gente nesse experimento no papo

a seguir.

De que maneira Caio Fernando Abreu te tocou e o que ele trouxe de mais avassalador para a sua geração?

Alexandre Mello - A leitura, na adolescência, de "Morangos Mofados" fez desper-

tar na minha geração a consciência de que não estávamos sozinhos em nossos desejos de liberdade para viver a sexualidade e que a vida era curta para ficar na sombra da sociedade.

Signos como o filme "Querelle", de Fassbinder, e a cantora Maysa te oferecem que alicerces para a construção de uma dramaturgia que expanda o entendimento da prosa de Caio?

"Querelle", assim como outras obras da cinematografia de Rainer Fassbinder, expressam corajosamente a profundidade das dores da alma humana e traz luz às sombras que arrastam a vida de quem não olha para elas. O que Fassbinder fez com Querelle, Caio faz o conto "Uma Praiazinha De Areia Bem Clara Ali Na Beira Do Sanga". Assim que li, percebi que o isolamento do personagem e sua loucura, advindos do crime cometido na adolescência, tinham a ver com a crueldade da vida imposta aos homossexuais naqueles tempos. A marginalidade, a violência, o estupro. "O amor com fissura, chato nos pentelhos e doença".

Maysa, com "Ne Me Quittez Pas", é maior que Jacques Brel, na representação da impossibilidade de manter a pessoa amada eternamente ao lado. Caio desejou toda a vida um amor verdadeiro.

Existem novos Caios hoje na arte? Alguém que você leia e te sirva de parâmetro de mundo?

Difícil comparar Caio Fernando Abreu com qualquer autor. Penso que o Édouard Louis é inspirador e ousado. São diferentes, mas são ambos potentes. Caio tem uma qualidade humana de expressão da dor e da materialidade das imagens da vida, que parece os plano-sequência dos capítulos da série "Adolescência", de Stephen Graham. Potentes, reais, cruéis, belos e emocionantes. Aline Bei, Julián Fuks e Luísa Geisler são autores brasileiros contemporâneos com talento imenso. Gosto muito dos três.

O que você leva da pesquisa espacial da encenação no seu apartamento para a nova incursão naquela dramaturgia?

Quando fizemos no meu ateliê em Laranjeiras, desejávamos tocar o público com a mesma delicadeza e crueza dos textos do Caio, para ficarmos próximos, íntimos. Como utilizamos as cartas (dele) aos amigos na dramaturgia, queríamos manter essa mesma intimidade que estas revelam com o público. Como se cada um recebesse em sua casa um envelope contendo uma carta pessoal de seu amigo Caio F. O mesmo se dá com as personagens Dama da Noite e o amigo do Dudu. Eles são estranhamente próximos de nós, são um pouco da nossa sombra: me lembram Clarice no "se eu fosse eu". Agora, na remontagem para o palco do Teatro Glauce Rocha, o desafio é manter numa dimensão de espetáculo, a mesma proximidade e intimidade com o público. Estou muito feliz com essa remontagem. Esperamos essa e outras temporadas por aí. Ano que vem estaremos em São Paulo.



Mery Bley/Divulgação



O fôlego 'imparável' do 'BOSS'

Bruce Springsteen durante show da turnê 'Springsteen and E Street Band'. O astro acaba de lançar um box com sete álbuns de inéditas

Por André Barcinski (Folhapress)

Bruce Springsteen revê sua carreira na parruda caixa 'Tracks II' e tira sete discos inéditos do baú

Não é fácil acompanhar o ritmo de Bruce Springsteen. Seja fazendo shows com quatro horas de duração com The E Street Band ou apresentações solo na Broadway, participando de documentários ou cruzando o mundo numa turnê gigantesca - que totalizou mais de 130 apresentações e se tornou a sexta turnê mais rentável da história da música, com shows gravados e disponíveis no site do artista -, Springsteen não para de presentear os fãs.

No último final de semana, saiu mais um presentão para os brucemaníacos - "Tracks II", uma caixa com sete discos inéditos num total de 83 faixas, sendo que 74 delas nunca haviam sido apresentadas ao público.

São sete LPs inteiros, gravados entre 1983 e 2018, que, por razões diversas, Springsteen achou por bem não lançar nas épocas de

suas respectivas gravações. "Esses são álbuns que foram parte de um momento de minha vida", disse Springsteen ao jornal The New York Times, "mas que, por alguma razão, acabaram ficando de lado quando comecei a trabalhar em outros álbuns."

Desde 1982, quando fez "Nebraska", sua obra-prima espartana, usando um pequeno gravador caseiro de quatro canais, Springsteen se acostumou a fazer discos sozinho. Usando uma bateria eletrônica como base, ele grava as músicas com um violão e põe o vocal principal. Depois complementa a canção com guitarra, baixo, teclados, ou qualquer instrumento que julgue adequado à música.

É só quando ele se dá por satisfeito com o resultado que os músicos que o acompanham há



Divulgação

décadas são chamados para gravar. O baterista Max Weinberg, que toca com Springsteen desde 1974, diz que ficou chocado quando recebeu uma ligação do "Boss" para gravar a bateria de várias faixas de "Tracks II" que ele nem sabia que existiam.

O primeiro dos sete discos é "L.A. Garage Sessions - 83", com canções gravadas entre as sessões de "Nebraska", de 1982, e o megas-

sucesso "Born in the USA".

O segundo é "Streets of Philadelphia Sessions", com músicas gravadas entre 1993 e 1994. É um disco marcado por bateria eletrônica e sintetizadores, que culminou na canção "Streets of Philadelphia", que deu a Springsteen um Oscar pela música do filme "Filadélfia", de Jonathan Demme.

Na sequência vem "Faithless", trilha sonora que o artista compôs entre 2005 e 2006 para um faroeste que nunca foi filmado; "Somewhere North of Nashville", um disco country gravado em 1995 junto com as sessões do celebrado álbum "The Ghost of Tom Joad"; e "Inyo", uma coleção de canções de forte influência de música mexicana gravadas durante a turnê de lançamento de "The Ghost of Tom Joad".

Os últimos dois álbuns são

"Twilight Hours", um trabalho orquestral de baladas gravado com um longo intervalo - nos biênios 2010-2011 e 2016-2017 -, e "Perfect World", um disco de rocks explosivos, bem ao estilo da E Street Band, com faixas gravadas entre 1994 e 2010.

O texto de apresentação da caixa "Tracks II" diz que Springsteen não regravou nenhum vocal para os sete discos. Ele e o parceiro Ron Aniello, que toca com Springsteen desde 2010, apenas adicionaram instrumentos aqui e ali. Mas a sonoridade dos discos permanece a mesma de quando foram gravados em estúdios caseiros.

A caixa "Tracks II" vem 27 anos depois de "Tracks", uma caixa com quatro discos contendo 66 canções inéditas, demos, versões alternativas de músicas conhecidas e sobras de estúdio. E Springsteen promete, para daqui a três anos, a caixa "Tracks III", que trará o que restou nos arquivos do artista. Os fãs já estão sonhando.

'NuDusOutros'

e para todo mundo curtir

Blitz inova ao gravar um álbum de releituras de sucessos da MPB com a sua grife musical

Por **Affonso Nunes**

A Blitz está de volta com um projeto diferente. Após o sucesso de "Supernova", álbum autoral de 2023 que marcou o início da parceria com a gravadora Biscoito Fino, a banda revela seu lado intérprete em "NuDusOutros" que troca as composições próprias por releituras de canções de um vasto universo de compositores como Gilberto Gil ("Um Sonho"), Roberto e Erasmo Carlos ("Sentado à Beira do Caminho"), Belchior ("Sujeito de Sorte") e Zé Ketí ("Nega Dina").

As supresas não páram por aí. Evandro



Arthur Berbat/Divulgação

A Blitz reuniu nomes como George Israel e Ximbinha no novo álbum

Mesquita e banda atacam versões de sucessos populares como "Pingos de Amor", dos baianos Odibar e Paulo Diniz; e "Solidão Galopante" (Pedro Henrique Carneiro). "Esta é um música raptada da maravilhosa novelinha do pedroca no Instagram, que em plena pan-

demia oxigenava a todos os corações solitários com personagens hilários e seu humor genial. Ele nos passou essa bola na cara do gol, e arranjamos esse reggae xote galopante", destaca Evandro.

Mais teatral e carioca do que nunca, a

Blitz faz de "NuDusOutros" um álbum que surpreende a cada faixa com arranjos do reggae ao samba funk, passando por uma releitura jazzy de "Você Não Soube Me Amar", o sucesso retumbante que fez da Blitz um fenômeno midiático nos anos 1980.

Evandro descreve o repertório escolhido como "músicas que trazem as cores e os sentimentos de uma época de descobertas", revelando como essas canções funcionaram como trilha sonora para toda uma geração que cresceu nos anos 1970 e 1980. "Através dessas canções, fomos descobrindo o mundo. Música boa! Não importava gênero, número e grau! Se batia no coração e emocionava, era antropofagicamente digerida com unhas e dentes nas fogueiras, festinhas e viagens da rapaziada", completa.

A produção conta com a participação de convidados especiais como George Israel, Ximbinha, Bino, Rogê Brasil e Miltinho Edilberto. Além desses nomes, músicos do Funk Como Le Gusta também participam do projeto com destaque para o arranjo colaborativo na outra faixa autoral da Blitz, "Ondas da Noite" (1997), que ressurgiu em versão metralhada. "Trocamos figurinhas carimbadas pelo zap Rio-São Paulo, e gravamos durante os dias de máscaras e álcool gel da pandemia", recorda Evandro.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Nordestinidade

A Banda de Pau e Corda se apresenta gratuitamente nesta quinta (3) no Espaço BNDES. O grupo pernambucano celebra 50 anos dedicados à música brasileira de raízes nordestinas. Com 16 álbuns, participações em trilhas sonoras de novelas e indicação ao Grammy Latino, a banda conquistou reconhecimento nacional. Em 2023, lançou "Entre a Flor e a Cruz" reunindo inéditas e versões de clássicos nordestinos.

Divulgação



Soul à brasileira

Paulinho Guitarra é a tração desta quinta (3) no Teatro Rival Petróbras com seu show "Black Music Brasil (BMB)". O pioneiro da guitarra funk e soul brasileira interpreta hits de Tim Maia e Cassiano em formato predominantemente instrumental, com participações da cantora Taryn e do guitarrista Gui Schwab. O repertório inclui "Réu Confesso", "Primavera", "Gostava Tanto de Você" e "O Caminho do Bem".

Divulgação



Estreia na Iona

O rapper baiano Alee faz sua estreia nesta quinta (3) no Circo Voador, a partir das 19h. Considerado uma das vozes mais autênticas do trap nacional, o artista apresenta repertório pinçado dos álbuns "Dias Antes do Caos" e "CAOS", trabalhos que celebram uma fase de renascimento e libertação. O show destaca como Alee eleva as raízes culturais da Bahia ao cenário nacional com originalidade.

Reprodução TV Globo



Para 3 Marias

Nesta quinta (3), às 20h, o Blue Note Rio recebe o show "3 Marias", homenagem da cantora Dominique às cantoras Maria Bethânia, Gal Costa e Maria Gadú. O espetáculo revisita clássicos da música brasileira com repertório selecionado pela produtora Márcia Martins, incluindo "Reconvexo", "Folhetim" e "Shimbalaiê", numa representação da força musical feminina no nosso cânone popular.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Abre-alas da (controversa) lista Cem Melhores Filmes do Século XXI, do “The New York Times”, com “Parasita” (Palma de Ouro de 2019), na qual figura com “Memórias de um Assassino” (2003) também (em 99º lugar), o sul-coreano Bong Joon Ho não tem o que reclamar de 2025. Envolvido com um projeto de animação já a caminho, o cineasta emplacou um dos raros cults de 2025, que começa a aparecer nas enquetes dos melhores longas-metragens do semestre ao chegar ao streaming, a MAX (ex-HBO): “Mickey 17”. Passou fora de competição pela Berlinale nº 75, em fevereiro, e virou blockbuster em circuito, ao faturar US\$ 131 milhões nas bilheterias. Entre a fantasia e a gargalhada, sua trama marca o regresso de Bong Joon Ho à direção de longas depois de um hiato de quase seis anos.

“Costumo me ver como um realizador de filmes de gênero, que lida com cartilhas próprias, mas que busca fugir de obviedades, partindo do princípio de que ‘família’ é um patrimônio universal”, disse Joon Ho, em recente passagem por Cannes.

Agora, via Max, o público brasileiro vai embarcar com ele numa viagem muito loca por um mundo gelado, Niflheim, a arena de “Mickey 17”, que pode se tornar uma colônia de exploração para a Terra se uma horda de criaturas com aspecto de ácaro, porém com tamanho GG, colaborar.

A fim de mapear a fria imensidão daquele ambiente, o governo envia para lá “descartáveis” (em inglês, expendables), degredados do processo capitalista, sem um pau pra dar no gato, que passam por um processo de cópia (ou clonagem). O indivíduo se alista, submete seu DNA a um tipo de impressora 3D de imprimir gente e é copiado à exaustão. Daí o “dezesete” ao lado do nome do personagem principal, Mickey Barnes, confiado por Bong ao inglês Robert Pattinson.

“É algo trágico e cômico ao mesmo tempo”, disse Joon Ho na Berlinale.

Cercado de êxitos profissionais, Pattinson é um ímã de plateias desde “A Saga Crepúsculo” (2008-2012), só que com um diferencial: ele só atua em projetos de grife autoral que o desafiem. “Bong tem uma forma única de extrair riso de ações físicas de seus personagens, como eu o vi fazer em ‘Memórias de um Assassino’, e tentei me sintonizar com isso”, disse Pattinson em resposta ao Correio da Manhã na abarrotada coletiva de imprensa de “Mickey 17” dada durante a Berlinale, no dia 15 de fevereiro, quando a produção orçada em

‘Parasita’ que faz bem

O sul-coreano Bong Joon Ho, que encabeça a lista dos melhores filmes do século do ‘New York Times’ vê a ficção científica ‘Mickey 17’ virar cult, agora via plataforma digital, na Max



Jen Koch

ele realmente e capaz de vestir personagens completamente diferentes. Dessa vez, contracenando consigo mesmo e ate o timbre de voz ele mudou. Foi um trabalho desafiador e prazeroso”.

Wendel se refere aos encontros entre Mickey 17 e Mickey 18. Houve ainda um Quinze e um Dezesesseis na trama filmada por Bong com base no romance “Mickey7”, de Edward Ashton. O enredo que vem da literatura fala da confusão em que o falido Mickey Barnes (Pattinson) se mete ao aceitar viajar para Niflheim, consciente de seu “descarte” e sua troca por uma versão copiada de si, sem defeitos aparentes, que preserve a memória do organismo antecessor. Nesse processo de singrar o espaço e explorar um admirável planeta novo, ele vive uma tórrida paixão por uma colega, a rebelde Nasha (Naomi Ackie), figura essencial no levante armado contra o político populista Kenneth Marshall (Mark Ruffalo) e sua mulher, Yilfa (Toni Collette), signos de poder associados à depredação de novas fronteiras estelares.

“O assustador de ‘contracenar’ consigo mesmo é que você não tem a medida de ritmo, pois faz uma parte da cena sozinho, e, depois, faz a outra”, disse Pattinson, ao justificar o perfil bem distinto entre os Mickey 17 e 18, numa linha humorística que lembra o cômico Buster Keaton, ícone da Era Muda. “Usei elementos dos animes japoneses ao interpretar”.

Na Berlinale, “Mickey 17” conquistou fãs e elogios, dando a seu diretor uma nova carga de excelência. Ganhador de quatro Oscars em 2020, semanas antes de a pandemia da covid-19 começar, “Parasita” fez de Bong Joon Ho (também se escreve Joon-ho ou Joon-Ho) um dos cineastas de maior culto da atualidade, aclamado ainda por “O Hospedeiro” (2006) e “Mother: A Busca Pela Verdade” (2019). A produção que oscarizou a ele e a Coreia do Sul – hoje disponível na grade da Amazon Prime - custou US\$ 11,4 milhões e faturou US\$ 258 milhões, estabelecendo-se como um arrasa-quarteirão. Antes dela, ele teve experiências de dirigir longas de língua inglesa em “Expresso do Amanhã” (2013) e “Okja”, da Netflix (indicado à Palma de Ouro de 2017). Trabalhou com Tilda Swinton em ambos, tendo ainda estrelas do quilate de Chris Evans, Paul Dano e Jake Gyllenhaal em seus elencos.

Em maio, em Cannes, Pattinson foi visto em “Die, My Love”, de Lynne Ramsay, e deve estar no Festival de Veneza, ali pelo dia 30 de agosto com “The Drama”, de Kristoffer Borgli, em par com Zendaya. Trabalha de novo com Nolan no projeto “A Odisseia”, baseado em Homero.

cerca de US\$ 110 milhões (há fontes que falam em US\$ 80 milhões) fez sua pré-estreia internacional. “Querida algo humano e inusitado para a sci-fi”, disse Joon Ho na Berlinale.

Sua sessão de gala foi ovacionada e a sessão de imprensa também rasgou corações. Havia gente acampada na porta do hotel Hyatt, uma das sedes do Festival de Berlim, para ver a chegada de Pattinson e sacar uma foto de um ator que, há 13 anos, deu um basta na demanda mais burocrática das corporações hollywoodianas para travar parcerias com cineastas com fina autoralidade, a começar pelo canadense David Cronenberg, que o dirigiu em “Cosmópolis” (2012) e “Mapas Para As Estrelas” (2014). Dali pra frente, filiou com Claire Denis (“High Life”); Anto-

nio Campos (“O Diabo De Cada Dia”, hoje na Netflix); os irmãos Josh e Bennie Safdie (“Bom Comportamento”); Robert Eggers (“O Farol”, produção do brasileiro Rodrigo Teixeira, ganhadora do Prêmio da Crítica de Cannes); James Gray (“Z: A Cidade Perdida”); e Christopher Nolan (“Tenet”).

Não bastasse isso tudo, ele ainda é o atual Bruce Wayne. Assumiu o manto do Cruzado de Gotham City em “The Batman” (2012), que faturou US\$ 770 milhões e concorreu a três Oscars sob a batuta de Matt Reeves.

“O Robert não para de me desafiar como ator”, diz o dublador Wendel Bezerra, a voz oficial de Pattinson na versão brasileira de seus longas, inclusive “Mickey 17”. “Ele traz uma faceta nova a cada filme. E incrível como

Por Affonso Nunes

A temporada de apostas para o Oscar 2026 já começou e traz uma novidade animadora para o cinema brasileiro. A revista Variety, uma das publicações mais respeitadas de Hollywood, incluiu Wagner Moura entre os potenciais indicados ao prêmio de melhor ator, enquanto “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, desponta como candidato na categoria de melhor filme internacional. A dupla brasileira divide espaço com nomes de peso da indústria cinematográfica mundial, uma prova do reconhecimento crescente da produção nacional no universo cinematográfico.

Na disputa por melhor ator, Moura concorre com George Clooney por “Jay Kelly”, Dwayne Johnson por “Coração de Lutador - The Smashing Machine”, Michael B. Jordan por “Pecadores” e Jesse Plemons por “Bugonia”. A inclusão do brasileiro nesta lista representa um marco significativo, especialmente considerando sua trajetória que o levou de protagonista de séries como “Narcos” ao reconhecimento em festivais internacionais de prestígio.

A performance do ator baiano em “O Agente Secreto” já lhe rendeu a láurea de melhor ator no Festival de Cannes deste ano. A Variety reconhece essa qualidade ao descrever o ator como “uma força” no thriller político brasileiro, destacando a intensidade de sua atuação no filme dirigido por Kleber Mendonça Filho.

Paralelamente, “O Agente Secreto” também desponta nas previsões para melhor filme internacional, categoria que historicamente representa uma das principais portas de entrada do cinema brasileiro no Oscar. O longa concorre com produções de diferentes países, incluindo “It Was Just an Accident” (Irã), “Nouvelle Vague” (França), “Sirât” (Espanha) e “Sentimental Value” (Noruega).

O longa de Mendonça Filho não apenas conquistou o prêmio de melhor ator em Cannes, mas também levou o troféu de melhor direção, confirmando a excelência técnica e artística da produção. Este duplo reconhecimento no festival francês fortalece significativamente as chances do filme na corrida ao Oscar, uma vez que Cannes frequentemente serve como termômetro para a temporada de premiações.

A trama de “O Agente Secreto” acompanha um professor universitário que, após um desentendimento com um empresário em São Paulo, retorna ao Recife natal sob identidade falsa para garantir



‘O Agente Secreto’ vem conquistando plateias no circuito internacional de festivais desde sua estreia

A hora e a vez de Wagner Moura?

Ator brasileiro figura em lista da Variety de favoritos ao Oscar ao lado de George Clooney e Dwayne Johnson; ‘O Agente Secreto’ também é cotado na categoria internacional



Wagner Moura e Kleber Mendonça Filho no set de filmagens de ‘O Agente Secreto’

sua segurança. Esta premissa permite explorar questões políticas e sociais contemporâneas, características marcantes do

cinema de Kleber Mendonça Filho, que já havia demonstrado sua capacidade de abordar temas complexos em obras ante-

riores como “Aquarius” e “Bacurau”.

“Quería fazer um filme nos anos 1970 como exercício histórico, partindo de uns detalhes que brotam do coração. Eu tinha nove anos em 1977, quando a trama se passa”, disse Kleber numa coletiva de imprensa improvisada ao fim da gala de “O Agente Secreto”, que lotou os 2,3 mil lugares da sala Grand Théâtre Lumière, no Palais des Festivals de Cannes. “A reconstituição do passado tem asperezas, que eu aqui misturei com ideias que iam aparecendo ao longo da escrita. O ponto de partida foi uma notícia de um jornal australiano que falava de uma perna encontrada no ventre de um tubarão”.

O elenco do filme conta ainda com Maria Fernanda Cândido, atriz reconhecida tanto no cinema quanto na televisão brasileira, que complementa a força interpretativa da produção. A parceria entre Moura e Cândido promete entregar performances memoráveis que sustentem a narrativa densa e politicamente engajada característica do diretor pernambucano.

Enquanto cresce o prestígio internacional do longa aumenta a curiosidade do público brasileiro acerca de sua estreia. A Vitrine Filmes, distribuidora responsável pelo lançamento nacional, confirmou a estreia para 6 de novembro. Além da data oficial, o filme também será exibido em sessões antecipadas e especiais.

Victor Jucá/Divulgação

Mostra na Biblioteca Parque Estadual oferece experiência sensorial inédita com tecnologia 360 graus baseada na obra-prima de Saint-Exupéry



Frente a frente com o Pequeno Príncipe



Por Affonso Nunes

A obra-prima de Antoine de Saint-Exupéry, traduzida para mais de 300 idiomas, ganha uma nova dimensão na cidade. A Biblioteca Parque Estadual, no Centro, abriga a partir desta quinta-feira (3) a exposição “Jornada do Pequeno Príncipe”. Esta experiência imersiva no universo do icônico personagem integra a campanha Literatura do Rio ao RJ, desenvolvida pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa como parte das celebrações pelo título de Capital Mundial do Livro, concedido ao Rio pela Unesco.

A mostra de 250 metros quadrados propõe uma jornada em dois momentos distintos. Inicialmente, os visitantes conhecem a trajetória pessoal de Saint-Exupéry, explorando como suas experiências como aviator



A mostra de 250 metros quadrados propõe uma jornada em dois momentos relacionados a Saint-Exupéry e sua obra mais conhecida

influenciaram a criação do clássico publicado em 1943. O segundo momento transporta o público para dentro da narrativa

através de cenários que recriam os ambientes icônicos da obra, incluindo o Túnel das Rosas, o Túnel de Estrelas e representações

dos asteroides visitados pelo protagonista.

O grande diferencial está na sala de imersão 360 graus, tecnologia inédita no país para este tipo de experiência literária. A projeção envolve completamente os visitantes em uma combinação de som, imagem e narrativa que reconstrói toda a jornada do Pequeno Príncipe pelos diferentes planetas. Esta inovação tecnológica permite uma aproximação única com a obra, transformando a leitura em experiência multissensorial.

A exposição chega ao Rio com a proposta de atingir diferentes faixas etárias, reconhecendo que a obra oferece camadas distintas de interpretação. Para o público infantil, estimula imaginação e criatividade, enquanto jovens encontram oportunidade para reflexão sobre questões existenciais e adultos podem reconectar-se com memórias afetivas relacionadas a esse clássico da literatura.

SERVIÇO

JORNADA DO PEQUENO PRÍNCIPE

Biblioteca Parque Estadual (Av. Presidente Vargas, 1261, Centro)
De 3/7 a 22/8, de segunda a sexta-feira, exceto feriados (10h às 17h)
Entrada franca, com retirada de ingressos online via Sympla